



EDITORIAL

José Lobo



O TEATRO DA VIDA

É vulgar dizer que a vida é um teatro e que nos somos os atores.

Participamos, voluntariamente ou involuntariamente, em comédias e dramas. Somos por vezes aplaudidos outras vezes apupados pelas nossas boas ou menos boas interpretações. Assumimos, muitas vezes, o papel para o qual não fomos, de modo algum, convidados. Aceitamos, contrafeitos, porque não se coaduna com a nossa personalidade, mas representamos com todo o profissionalismo de um ator.

Fazem-nos injustiças, ingratidões, tratam-nos mal, mas estes papéis difíceis de assimilar, reforçam o nosso ego e previne-nos para repensar futuros estilos de representação.

O silêncio vale, por vezes, mais do que muitas palavras.

Mas há papéis de que gostamos de interpretar, que a crítica nos é favorável, por vezes, até demasiado benévola. Estes enchem-nos de orgulho e bem-estar.

O ser humano tem uma capacidade voluntária, extraordinária, para se deixar enganar, encontrando, sempre, justificações para egoísmos inconscientes. Nem tudo na Vida é aquilo que desejamos que ela fosse, mas o primordial é estarmos de bem com a nossa consciência.

Entre alegrias e tristezas, entre amores e ódios, entre sucessos e insucessos, com emoções e sentimentos... a Vida vale a pena viver.

Sejamos uns bons profissionais no Teatro da Vida.

PENSAMENTOS E CITAÇÕES

Só existem dois dias do ano que nada possa ser feito. Um chama-se ontem e o outro chama-se amanhã, portanto hoje é o dia certo para amar, acreditar, fazer, e principalmente, viver.

Dalai Lama

VIVÊNCIAS

Odete Viegas



Sinto-me realizada pelas várias experiências que fizeram parte da minha vida, entre as quais, e a qual dou mais relevo, o facto de concretizar um sonho que era conhecer a Suíça.

Do sonho passou à realidade e sim, posso dizer hoje que conheço bem a Suíça. Neste belo país vivi 23 anos da minha vida e sempre a sonhar olhando as suas belas montanhas.

“Obwohl ich Angst habe in die hohe zu steigen, hat sich die Angst in Magie verwandelt, um den Charme der weissen und schonen Berge uber 3.000 meter zu spuren. Wundersehon!”¹

Agora, como aluna veterana da USFE, sinto-me igualmente realizada e feliz, não só pelo que se aprende, mas também pelo muito que se colhe nesta universidade onde a fraternidade e a amizade são o fruto que nos leva a todos pelo bom caminho do : Amor e Paz!

Costumo dizer que tenho duas famílias: a biológica e a dos amigos.

Bem haja a USFE e os seus dirigentes que tão dignamente nos conduzem a uma vida activa e sadia.

⁽¹⁾ *Embora eu sinta medo em subir às alturas, o medo transformou-se em Magia pelo encanto de me sentir no cimo das brancas e belas montanhas acima dos 3.000 metros. Maravilhoso!*



Não existem Maus Lobos

Um grupo de alunos da disciplina de Literatura da USFE realizaram, no pretérito dia 4 de Junho, no salão nobre do Órfeão de Matosinhos, a representação de um conto.

Escrito pelo autor deste artigo, "Não existem maus lobos" baseia-se em 3 conhecidas histórias: "Capuchinho Vermelho" de Charles Perrault, "Mau Lobo" de Valter Hugo Mãe e "Pedro e o Lobo" de Sergei Prokofiev com a sua componente musical.

O grupo de trabalho desconstruiu estas histórias, interligando os pedaços remeniscetes numa sequência lógica, terminando por construir uma nova história.

Os atores deste enredo teatral foram: Orízia Alinho, Branca Gomes, Madalena Marques, Laura Sousa, Linda Oliveira e Maria João Bernardes. O grupo foi encenado por Rosalina Milhazes e a sonoplastia ficou a cargo de João Gomes.

No final da actuação, o grupo foi ovacionado pela assistência e recebeu um grande elogio da professora da disciplina, Dr.^a Adélia Silvestre, enaltecendo o desempenho, difícil, da peça. Todos foram aprovados com distinção.

Por fim, representando a direção da USFE, o Dr. Miguel Teixeira, teceu algumas considerações sobre o evento, salientando o dinamismo dos participantes.



Uma decisão de última hora, levou-nos até ao Egito. Saímos do Porto de comboio e a aventura começou aí. O carro que nos conduziu até Campanhã teve um furo e quase perdíamos o transporte!

De Lisboa, fazendo escala em Marrocos, chegamos ao aeroporto do Cairo. À nossa espera deveria estar alguém para nos entregar os vistos, mas ninguém aparecia... Com o tempo a passar ficamos bastante preocupados. Depois de umas horas, lá apareceu o agente muito nervoso, a pedir mil desculpas, e acompanhou-nos até ao Hotel.

As primeiras impressões sobre a cidade não foram as melhores. Os prédios inacabados, feitos em tijolo escuro, sem janelas. Lá de longe a longe, aparecia um andar pintado a destoar da paisagem. Mas a recordação que eu tinha da cidade quando a visitei há uns anos atrás, manteve-se: uma cidade muito suja e escura.

A segurança, quer no aeroporto, quer no Hotel, era muito rigorosa: muitas revistas e a polícia em grande número, toda armada, impunha medo. À nossa espera estava o nosso primeiro guia, Mohamed que nos acompanhou na visita à cidade e arredores. Andamos pelas ruas e atravessamos um Mercado onde os preços variavam consoante o cliente. Pela minha neta ofereceram-me vários camelos!!!

O Museu do Cairo, as célebres pirâmides e a famosa esfinge foram vistas e explicadas com todo o pormenor. E pensar que estávamos perante construções com 4 500 anos!!!

Do Cairo, partimos de avião para Aswan onde nos esperava o barco para fazermos o cruzeiro pelo Nilo. Em Aswan, à nossa espera estava o nosso segundo guia: um egiptólogo muito culto, Salam, que nos fez admirar a cultura egípcia e nos ensinou a ler os hieróglifos. Muito calor, temperaturas a ultrapassar os 40º, mas suportável.

Em Aswan, visitamos o Templo de Filae, a barragem de Asuão e as pedreiras de granito. Regressamos ao barco e partimos para Kom Onbo onde vimos o Templo Duplo.

O barco continuava a sua marcha. Paramos em Edfer para ver o Arpão. A última paragem do Cruzeiro foi Luxor onde fizemos muitas visitas: Templo Del Luxo, Templo de Karnaf e Vale dos Reis, onde estão sepultados os Faraós. Que luxo e que grandeza!!!!

Na margem Ocidental fomos ver o Templo de Hatchepsut. Como curiosidade, Salam contou que esta Deusa prendeu o sobrinho durante 20 anos para que ela pudesse governar. Depois da sua morte o sobrinho quase destruiu tudo que ela tinha construído.

Em Luxor acabou a visita cultural. A partir daqui, e já fora do barco, viajamos pelo deserto, pela Road Egipt, até chegarmos a Hurghada para fazer praia nas águas do Mar Vermelho.

O regresso fez-se a partir de Hurghada com escala em Instambul e chegada ao Porto.

